

## **SUPERANDO LIMITES NA DANÇA<sup>1</sup>**

**Tchiago Brigo<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Reflexão oriunda da experiência desenvolvida na interdisciplinaridade dos componentes curriculares Organização de Eventos e Expressão Corporal III: Dança, no curso de Educação Física na UNIJUI.

<sup>2</sup> Acadêmico do 7º semestre do Curso de Educação Física – Licenciatura na UNIJUI, tchiagobrigo@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

Procura destacar os elementos de superação na dança através do manifesto de expressão do ser e viver nas diferenças dos sujeitos, enfatizando, em contrapartida, o aprendizado através da experiência prática dos futuros profissionais em Educação Física, na realização de um Evento de dança com cadeirantes. Esta vivência trouxe análises e compreensões de como atuar com deficientes físicos, pautadas pela inclusão dos corpos nas diversas práticas corporais. A dança em cadeiras de rodas é um modo de possibilitar a integração de deficientes físicos a atividades motoras. Através desta concepção, entendemos que estes sujeitos devam interagir com movimentos da linguagem corporal que ilustram sua realidade factual, fazendo que transmitam suas emoções nesta prática milenar. “Os grupos de dança em cadeira de rodas existentes têm suas iniciativas calcadas no princípio que visa colocar o conhecimento produzido da dança junto à pessoa portadora de deficiência física, ou seja, a serviço de uma população até então desacreditada no que se refere às possibilidades de movimentos” (FERREIRA, 2000). Os ganhos referentes a essa possibilidade podem ser traduzidos por Venturini et. al. (2010) “a Educação Física contribui para o desenvolvimento do afetivo, social, e intelectual de alunos com deficiência, pois o incentivo à inclusão torna a autoestima e a autoconfiança mais evidente e assim não há desigualdade”. A abordagem de tal tema no Curso de Educação Física na UNIJUI é validada no componente curricular Educação Especial, num período de 30 horas. Vale ressaltar que este componente é totalmente teórico, não podendo o acadêmico experimentar a prática nesta disciplina. A proposta é de conscientização dos futuros profissionais de que a dança, ou qualquer outra atividade física, traz benesses para pessoas com deficiência física, proporcionando qualidade de vida no resgate da autoestima e autoimagem, melhoram as capacidades biológicas e psicológicas desses sujeitos.

### **METODOLOGIA**

Com o escopo de alcançar esta proposta, foi realizado um evento da seguinte forma: 1º Apresentação artística do Grupo “EXTREMUS – DANÇA SOBRE RODAS” da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); 2º Apresentação da visão e do histórico do grupo; 3º Oficina onde os acadêmicos puderam vivenciar práticas relacionadas ao assunto; e 4º Feedback onde os participantes puderam relatar seus aprendizados e sensações ao realizar a prática. A metodologia de

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

ensino tem como referência Ferreira (2000) que afirma que a dimensão dos sentidos do gesto do movimento constituído como linguagem não pode ser representado, significado somente pelas palavras porque simplesmente ele (o gesto) significa de outra maneira. Sendo assim, o aprendizado não se dá apenas de forma conceitual, teórica, mas construída a partir das relações diretas com a prática. A ação em si é o transformador de novas e melhores realidades.

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebemos que a interação direta do futuro profissional em Educação Física com a apresentação artística da cadeirante, a apresentação da visão e histórico do grupo e, posteriormente, a construção de uma coreografia de dança sobre rodas, possibilitaram um processo de compreensão crítica e autônoma dos participantes. Os diferentes sujeitos inseridos nessas práticas corporais, principalmente dos que possuem deficiência física ou mental, revelam que cada ser expressa seus sentimentos através dos movimentos executados, referindo-se a alegrias, tristezas, superação, vontades, etc. Conforme Goettems (2013) “Na dança, além de partir do contexto do aluno - parte fundante do porvir dançante - ocorre a denuncia das neutralidades para valorizar singularidades, resgatando expressões individuais de cada participante, que pode colocar em cena a realidade de cada corpo pulsante, que não precisa repetir passos soltos, mas pode criar gestos ricos em linguagens”. No atual momento pouco se discute no curso de Educação Física sobre a inclusão dos incapacitados fisicamente no amplo repertório corporal de movimento. Este apresentação é uma abertura para que novas discussões a respeito possam surgir. As dificuldades quando encontradas no meio profissionalizante podem ser debatidas, discutidas e avaliadas. Desta forma, intervenções acerca de problemáticas que poderão surgir na gama de atuação do educador físico aumenta a possibilidade de superar desafios que permanecem obscuros enquanto não discutidos. A realização deste evento majoritariamente prático se revelou incremento de grande relevância na formação destes profissionais, tendo como ápice o depoimento da cadeirante quando questionada sobre o que a dança representava para ela: “A dança é vida”. Além disso, o evento trouxe dúvidas que de outra forma não se fariam presentes. Acessibilidade, aceitação social, adaptabilidade foram alguns dos temas debatidos, além de discussões referentes às sensações que reportam diretamente a maioria das vidas dos cadeirantes. As sensações inerentes à prática das atividades (no momento que os acadêmicos participavam da oficina) emergem saberes que o autor Venturini et. al. (2010) retrata com categoria, relativo à autoimagem e autoconfiança – diretamente ligados à inclusão social. Esta Educação Física supera a visão dicotômica do corpo, pois ao referir-se sobre os movimentos das práticas corporais como ser vivente, atuante no mundo enseja a integridade permanente do humano em qualquer atividade. As coreografias montadas pelos participantes, tendo como referência o cadeirante, superou a dissimulação da aparente inclusão do deficiente físico na atividade. Quando expressado o respeito ao diferente e atingido o genuíno movimento do sentir, a linguagem corporal transcendeu os limites das incapacidades apresentadas. Corroborando o que Ferreira (2000) diz, este evento possibilitou aos participantes percepções de que grupos de dança sobre rodas são condutores de práticas corporais aos diferentes corpos encontrados na sociedade, independente de suas limitações. Não sendo admitidos determinados movimentos a determinados grupos. Todos devem

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

beneficiar-se do conhecimento das práticas corporais produzido pela humanidade. Dentre todas as atividades orientadas pelas palestrantes, uma em especial sensibilizou os participantes. Quando colocados em dupla, frente a frente, foi solicitado para que cada um observasse os defeitos do seu colega a frente. Esta inusitada atividade colocou em cheque todos que ali estavam. E agora? O quê será que meu companheiro está pensando de mim? Será que ele descobriu meu defeito? “Estou me sentindo oprimida quando você me olha, analisando-me” foi o relato de uma das acadêmicas. A palestrante atingiu o âmago da questão. A percepção do deficiente físico em relação aos olhos de quem o observa. Esta atividade marcou o início da oficina.

#### CONCLUSÃO

A tentativa de conscientizar os acadêmicos e promover vivências na dança com cadeirantes obteve resultados significativos na compreensão dos valores da Educação Física na formação do sujeito na sociedade. Quando oferecido oportunidade para qualquer pessoa expressar a sua compreensão de mundo através dos movimentos motores possibilitamos inclusão social. Assim como Ferreira (2010), entendemos que a dança ou outra atividade esportiva ou social qualquer não vai deixar o deficiente menos deficiente, no seu estado concreto. Mas os ganhos proporcionados com estas atividades são inegáveis. Não podendo, assim, os futuros profissionais em Educação Física não devem fechar os olhos frente às diferenças dos corpos apresentados na sociedade. Estes indivíduos devem ser observados nas suas singularidades e conduzidos a superar constantemente os obstáculos presentes. Este é o profissional que atenta para valores humanísticos necessários na convivência social.

#### PALAVRAS-CHAVE

Deficientes físicos; inclusão; vivências; aprendizagem.

#### AGRADECIMENTOS

Grupo “EXTREMUS – DANÇA SOBRE RODAS” da UFSM.

APAE de Ijuí.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, E. L. O sentido do sentir: corpos dançantes em cadeira de rodas. Conexões, 2000.

GOETTEMS, Lisiane. Integração do deficiente auditivo no ensino aprendizagem da dança: do limite – limitante ao limite – fundador. Salão do Conhecimento, Anais, 2013.

VENTURINI, O.R.G., RODRIGUES, M.B., MATOS, G.D., ZANELA, L.A., JÚNIOR, P.L.R., PAULA, R.R.G., CUNHA, S.A., FILHO, M.L.M. A importância da inclusão nas aulas de Educação Física escolar. Revista Digital, Buenos Aires, ano 15, nº 147, 2010.

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa



Apresentação do Grupo EXTREMUS - DANÇA SOBRE RODAS

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa



Apresentação do Grupo - Visão e Histórico

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa



Acadêmicos realizando Oficina de Dança Sobre Rodas

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa



Participantes do Evento